

## **“SENHORAS, SENHORES...”: a cena de enunciação e a designação do auditório em uma conferência de orientação kardecista**

Marília Mesquita Queiroz<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Neste artigo, busca-se verificar como se configura a imagem do interlocutor no discurso proferido em uma postagem do programa *Conversando sobre Espiritismo*, publicada na página de orientação kardecista *Mansão do Caminho* no Facebook. Para direcionar a análise, na qual consideramos o direcionamento argumentativo, os ethé do orador principal e de seu convidado e os índices de alocação utilizados ao longo da apresentação, tomamos como base teórica principal, no campo da Análise do Discurso, os trabalhos de Dominique Maingueneau (2008; 2015a; 2015b; 2017) sobre cena de enunciação e ethos, de Orlandi (1996) sobre discurso religioso, e de Amossy (2018) sobre os modos de representação do auditório na encenação, além de produções acadêmicas sobre o discurso kardecista. A cena de enunciação instaurada denota um interlocutor cristão que tem certa bagagem cultural, mas que, ainda assim, é retratado direta ou indiretamente como necessitado de esclarecimentos e conselhos.

**Palavras-chaves:** Cena de enunciação. Kardecismo. Imagem do interlocutor.

### **“LADIES, GENTLEMEN...”: the enunciation scene and the auditorium designation in a kardecist conference**

### **ABSTRACT**

In this article, we verify how the image of the interlocutor is constructed in a post of the program *Conversando sobre Espiritismo*, published on the Kardecist page *Mansão do Caminho* on Facebook. In order to direct the analysis, in which we consider the argumentative direction, the ethé of the main speaker and his guest and the allocation indexes used throughout the presentation, we take as the main theoretical basis, in the field of Discourse Analysis, works by Dominique Maingueneau (2008; 2015a; 2015b; 2017) on the enunciation scene and ethos, by Orlandi (1996) on religious discourse and by Amossy (2018) on the modes of representation of the audience, in addition to academic productions on the Kardecist discourse. The established enunciation scene denotes a Christian interlocutor who has a certain cultural baggage, but who is directly or indirectly portrayed as in need of clarification and advice.

**Keywords:** Enunciation scene. Kardecism. Interlocutor's image.

### **“DAMAS, SEÑORES...”: la escena de enunciación y la designación del auditorio en una jornada de orientación kardecista.**

### **RESUMEN**

En este artículo, buscamos verificar cómo se configura la imagen del interlocutor en el discurso dado en un post del programa *Conversando sobre Espiritismo*, publicado en la página de orientación kardecista *Mansão do Caminho* en Facebook. Para orientar el análisis, en el que consideramos la

---

<sup>1</sup> Mestre em letras pela Universidade Federal do Piauí. Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: marilameq@gmail.com

## “SENHORAS, SENHORES...”: a cena de enunciação e a designação do auditório em uma conferência de orientação kardecista

dirección argumentativa, el *ethé* del orador principal y su invitado y los índices de alocución utilizados a lo largo de la presentación, tomamos como base teórica principal, en el campo del Análisis del Discurso, los trabajos de Dominique Maingueneau (2008; 2015a; 2015b; 2017) sobre la escena de la enunciación y el *ethos*, Orlandi (1996) sobre el discurso religioso y Amossy (2018) sobre los modos de representación del público en la enunciación, además de producciones académicas sobre el Kardecist discurso. La escena de enunciación establecida denota a un interlocutor cristiano que tiene un cierto bagaje cultural, pero que, aun así, es retratado directa o indirectamente como necesitado de esclarecimiento y consejo.

**Palabras clave:** Escena de enunciación. Kardecismo. La imagen del Interlocutor.

### Introdução

A difusão do discurso religioso não canônico, antes mais limitada às fronteiras físicas de suas instituições, foi bastante ampliada com o advento das redes sociais e suas opções de compartilhamento. Diante dessa mudança e, conseqüentemente, de uma cena de enunciação distinta e com um público mais abrangente, representantes de diferentes denominações religiosas necessitaram adaptar suas empreitadas discursivas tendo como base interlocutores com perfis variados e distintos daqueles que geralmente participam de suas reuniões *in loco*. Pensando nessa possível multiplicidade do auditório, buscamos, a partir de uma análise da cena de enunciação e de outros elementos discursivos, verificar como se configura a imagem do interlocutor ao longo do discurso proferido em uma postagem do programa **Conversando sobre Espiritismo**, publicada na página de orientação kardecista ***Mansão do Caminho no Facebook***.

Para direcionar a análise, tomamos como base teórica principal, no campo da Análise do Discurso, os trabalhos de Dominique Maingueneau (2008; 2015a; 2015b; 2017) sobre cena de enunciação e *ethos*, de Orlandi (1996) sobre discurso religioso e de Amossy (2018) sobre os modos de representação do auditório na encenação. As informações sobre o discurso kardecista, por sua vez, advêm principalmente dos trabalhos de Silva e Brunelli (2017; 2019), Assis (2018) e Silva (2014). Partindo dessas referências e de uma análise inicial da cena de enunciação, lançamos um olhar para os arranjos discursivos para verificar como é delineada a imagem do interlocutor ao longo do programa, considerando o direcionamento argumentativo, os *ethé* do orador principal e de seu convidado e os índices de alocução utilizados ao longo da apresentação.

## 1 A cena de enunciação

Segundo Maingueneau (2015), ao tempo em que o discurso pressupõe um quadro, visto que apresenta restrições ligadas ao gênero a partir do qual é mobilizado, também gere esse quadro pela encenação da sua enunciação, implicando um processo. Buscando esclarecer o funcionamento discursivo nesses termos, o autor aponta que a cena de enunciação, que envolve o espaço em que se situa o discurso e as sequências de ações verbais e não verbais nele situadas, faz intervir três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A primeira delas equivale, segundo ele, ao tipo de discurso. No caso de nossa análise, tratamos a cena englobante do discurso religioso, mais especificamente do kardecismo, também denominado de espiritismo. Ao mesmo tempo, veremos que os representantes dessa religião buscam fundamentar o seus dizeres em bases científicas e filosóficas para legitimar-se, numa clivagem discursiva em que se propõe uma intersecção entre esses diferentes tipos de discurso.

A respeito dessa instabilidade no lócus do espiritismo, Silva e Brunelli (2019) afirmam que o discurso kardecista assume uma posição paratópica para se legitimar, e, ao se constituir a partir de outros discursos constituintes – o religioso, o científico e o filosófico – simula superar os limites desses discursos. Em face de uma cena englobante assim caracterizada, lembramos que, ao associar, de uma maneira geral, cena englobante e produção discursiva, Maingueneau (2015b, p.119) afirma que “os produtores de discurso derivados de determinada cena englobante devem, por meio de sua enunciação, mostrar que se conformam aos valores prototipicamente relacionados ao locutor pertinente para o tipo de atividade verbal em pauta”. Nesse sentido, veremos como os enunciadores aqui tratados buscam se conformar com os preceitos oriundos desse espaço discursivo, que supõe representantes que demonstrem ter um certo grau de conhecimento nos três campos mencionados.

O segundo elemento da cena de enunciação destacado por Maingueneau (2015b) é a cena genérica. Relacionada à realidade dos gêneros discursivos, a cena genérica suscita uma ou mais finalidades, papéis para os parceiros, um lugar apropriado para que obtenha sucesso, um suporte, um modo de inscrição na temporalidade, uma composição e um uso específico dos recursos linguísticos. Pensando esses elementos com relação ao discurso religioso, verificamos que Orlandi (1987) aponta uma finalidade pedagógica, visto que visa suscitar a aprendizagem de crenças. A autora ressalta ainda que “como é a voz de Deus que fala em seu representante, faz também parte da propriedade desse discurso o fato de que não há autonomia desse representante em relação a Sua voz” (ORLANDI, 1987, p.236). É válido notar também que, no

## “SENHORAS, SENHORES...”: a cena de enunciação e a designação do auditório em uma conferência de orientação kardecista

caso do programa **Conversando sobre Espiritismo**, temos um orador que, ao apresentar-se como médium, reforça o seu próprio posicionamento como meio ou intermediário entre o plano físico e o plano espiritual.

Sobre a relação entre os interlocutores nesse espaço, Orlandi (1987, p. 244) aponta como uma das características do discurso religioso a não-reversibilidade: “os homens não podem ocupar o lugar do Locutor porque este é o lugar de Deus”. Dessa maneira, a relação de interlocução que constitui o discurso religioso se configura de forma assimétrica. Tendo em vista esse aspecto, pode-se dizer que o Locutor, por ser aquele que ensina, esclarece, aconselha, consola e encaminha, está em posição hierárquica superior, visto que presumidamente possui competência para tal e é legitimado pela fé dos adeptos desta ou daquela religião, que o consideram representante de Deus. O interlocutor, por sua vez, se porta como aquele que necessita de esclarecimentos, conselhos, consolo e encaminhamento, pois, ao engajar-se nessa crença, busca a ajuda que a divindade proporciona, através de seu representante, para gerir sua vida.

Além de mencionar a questão da finalidade e do papel dos parceiros, vimos que Maingueneau (2015b) também destaca que a cena genérica impõe um lugar para seu sucesso, uma temporalidade, um suporte, uma composição e um uso específico dos recursos linguísticos. Em nosso caso, estamos lidando com um discurso que tem seu modo de existência material em uma página do Facebook. Dessa maneira, o fato de não ser proferida em um espaço físico mais restrito, e sim em um ambiente virtual que proporciona um número maior de destinatários possíveis, não necessariamente adeptos do kardecismo, pode ser um fator de direcionamento do discurso no sentido de conquistar mais adeptos.

Diante de um lugar e um suporte vinculados à Web, na qual o dispositivo tradicional vacila, pois “a cena genérica não desempenha um papel central” (MAINGUENEAU, 2017, p.14), sendo dominada pela cenografia, ressaltamos que, quanto à composição, o gênero de que tratamos é bastante peculiar, pois a cena genérica da pregação religiosa é sobreposta pela cenografia de um programa que se apresenta como uma conversa, sendo composto por uma primeira parte, na qual o médium Divaldo Franco, orador principal, faz uma preleção, e uma segunda seção, na qual se configura uma espécie de entrevista com perguntas enviadas pelos internautas, numa simulação de diálogo.

No tocante à temporalidade, o programa **Conversando sobre Espiritismo** tem periodicidade semanal, com cerca de uma hora de duração, e é uma adaptação para a mídia

Marília Mesquita Queiroz

digital de um encontro presencial que acontece há 25 anos no espaço do Centro Espírita Caminho da Redenção em Salvador (BA). O programa também é transmitido pelo Youtube e fica disponível por alguns dias, sendo posteriormente removido e disponibilizado apenas para assinantes da plataforma Espiritismo Play. Alguns episódios, como o que aqui analisamos, permanecem disponíveis em posts no Facebook. A página que dá suporte à postagem se chama **Mansão do Caminho**, foi criada em março de 2012 e tem o link <https://www.facebook.com/MansaoDoCaminho> como endereço de acesso. Ao longo da página, constam publicações sobre eventos realizados pela comunidade espírita e ações sociais que acontecem na instituição **Mansão do Caminho**, obra de assistência social fundada por Nilson de Souza e Divaldo Franco.

Além dessas publicações, a página traz também várias postagens com produtos à venda (livros, audiolivros e assinatura da plataforma de conteúdo digital **Espiritismo Play**), publicações sobre conferências proferidas pelo próprio Divaldo Franco e por outros palestrantes espíritas no Brasil e em outros países, trechos de peças teatrais, músicas e poesias espíritas, além de vídeos com estudos sobre o Evangelho ou obras psicografadas, feitos de forma individual ou em grupos.

Caracterizada a página em que se encontra a postagem, destacamos mais detalhadamente a composição do programa em análise, que tem a seguinte sequência: vídeo com mensagem motivacional atribuída a Eros; prece de abertura; apresentação do palestrante e do convidado pelo mediador; palestra, por Divaldo Franco; intervalo (com anúncios da plataforma *Espiritismo play* e livros); seção de perguntas e respostas com esclarecimentos de Divaldo Franco e do convidado Severino Celestino para indagações feitas pelo público; encerramento. Coincidentemente ou não, em seus moldes para as mídias digitais, o programa tem um formato parecido com o de alguns eventos acadêmicos onde um mediador apresenta o pesquisador, que fala sobre determinado assunto de seu domínio e seguem-se perguntas dos ouvintes sobre o assunto proferido.

De certa forma, essa organização composicional corrobora o posicionamento de Silva e Brunelli (2019) sobre a situação paratópica em que se encontra o kardecismo, visto que busca uma similaridade com um dos modos mais comuns de divulgação do discurso científico. Essa associação com o campo científico pode ser feita também quando se leva em conta outro elemento da cena genérica: o uso específico dos recursos linguísticos. O registro utilizado pelo palestrante, pelo convidado e pelo mediador é predominantemente formal. Ao tempo em que há uso de vocabulário rebuscado, os enunciadores buscam direcionar de forma clara e didática

## “SENHORAS, SENHORES...”: a cena de enunciação e a designação do auditório em uma conferência de orientação kardecista

as suas explanações. Pode-se dizer que esse desenvolvimento discursivo está ligado ao terceiro elemento da cena de enunciação destacado por Maingueneau (2015b), a cenografia. Segundo o autor, a cenografia diz respeito à organização, por parte do enunciador, de uma situação a partir da qual pretende enunciar.

Essa encenação singular da enunciação ocorre sobre as bases normativas de uma cena genérica pré-estabelecida. No caso em estudo, temos a cenografia de um evento com moldes acadêmicos, mas que tem características que se aproximam do quadro imposto pela cena genérica de uma pregação, conforme esta é caracterizada por Figueiredo et al. (2009), visto que apresenta a predominância da oralidade, tem base em textos escritos (principalmente a Bíblia e as obras de Allan Kardec, neste caso), é protagonizada por um líder religioso que fala a fiéis e tem finalidades como instrução, conservação de princípios (de ordem cristã<sup>2</sup>, no caso do espiritismo), convencimento e conversão. A cena genérica da pregação tradicional está, dessa forma, dissimulada na organização da situação em que ocorre a enunciação, e as peculiaridades discursivas que distinguem a cenografia aqui tratada legitimam os enunciados ali proferidos, dada a situação paratópica do kardecismo.

Tendo em vista esses aspectos e considerando que “todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima.” (MAINGUENEAU, 2015b, p.123), vemos que, no caso do programa **Conversando sobre Espiritismo**, a cenografia instaurada é distinta da pregação religiosa convencional por produzir uma encenação que busca se legitimar agregando à palestra informações de cunho histórico, científico e filosófico, não se prendendo unicamente ao texto religioso. Há, assim, uma modificação do estatuto da pregação religiosa comum, que geralmente se restringe à interpretação de textos sagrados *per se*. Na amostra discursiva em questão, tanto o orador principal quanto o seu convidado (que é professor de ciência das religiões da Universidade Federal da Paraíba) mesclam as respostas para os questionamentos que lhes são direcionados sobre questões religiosas com informações oriundas de campos de conhecimento socialmente valorizados, legitimando a cenografia por meio da própria enunciação.

## 2 Índices de alocação, ethos e direcionamento argumentativo

---

<sup>2</sup> Silva e Brunelli (2017), apontam que a semântica global do discurso espírita apresenta o traço /+cristianismo/.

Ao discorrer sobre a organização do discurso, Amossy (2018) afirma que, em seus arranjos específicos, são feitas representações daqueles aos quais ele se dirige. Essas indicações sobre o interlocutor, inscritas na materialidade linguística, são apontadas pela autora como uma maneira de visualizar e analisar como o locutor imagina que o seu interlocutor percebe e compreende o tema tratado no discurso, criando, dessa maneira, uma imagem desse destinatário ideal. Apreendido no texto, esse processo de discursivização ou “esquemática”, designa “o processo ao longo do qual o locutor ativa uma parte das propriedades que deveriam definir o alocutário para produzir uma imagem coerente que responda às necessidades de interação” (AMOSSY, 2018, p. 58).

Estando ligada à ideia que o enunciador tem do grupo ao qual o interlocutor pertence, a representação do destinatário no discurso é instaurada por marcas linguísticas ou índices de alocação presentes ao longo do texto. Amossy (2018) traz da linguística da enunciação, herdada de Benveniste, alguns exemplos desses instrumentos de detecção utilizados para designar o auditório: designações nominais explícitas (“meu jovem”, “caros colegas”, etc.), descrições do auditório (“prezados estudantes de linguística”), pronomes pessoais (“vocês”, “nós”, etc.) e evidências compartilhadas. Essas últimas dizem respeito à maneira como o auditório é designado pelas crenças, opiniões e valores que o discurso enunciado lhe atribui implícita ou explicitamente.

Além desses elementos, o ethos do orador também pode ser um meio de orientação sobre o perfil do interlocutor, visto que, ao portar-se dessa ou daquela maneira para criar determinada imagem, o enunciador também o faz pensando em influenciar aquele a quem dirige o seu discurso. Maingueneau (2015a) ao definir o ethos como a imagem do locutor no discurso, associa a ela um “tom” ou vocalidade específica, um “caráter”, ligado aos traços psicológicos, e uma “corporalidade”, correspondente à compleição física e à maneira de se portar do enunciador. O autor considera que essas três dimensões ajudam a levar o interlocutor a um processo de “incorporação”, que diz respeito à apropriação do ethos por parte do intérprete.

Ao analisar aspectos no discurso do palestrante principal, é possível verificar que, ao utilizar-se de narrativas atreladas a conhecimentos históricos, literários, filosóficos e científicos, Divaldo Franco constrói um ethos de erudição. Como lembra Amossy (2018, p.11) “o locutor, como o auditório, é sempre atravessado pela fala do outro, pelas ideias preconcebidas e pelas evidências de uma época, e é, por isso, condicionado pelas possibilidades de seu tempo.” Nesse sentido, a constante menção a informações supostamente oriundas de fontes oficiais, além da

## “SENHORAS, SENHORES...”: a cena de enunciação e a designação do auditório em uma conferência de orientação kardecista

apresentação de dados que podem ter valor científico (como aquele sobre a condensação dos gases que resultou na formação do planeta), que, em nosso tempo, são fatores de legitimação daquilo que é dito, corroboram esse ethos, tornando-se uma estratégia discursiva que pode ser bastante eficiente.

Além de mostrar conhecimentos sobre essas áreas, o enunciador, como já mencionamos, faz uso de escolhas lexicais rebuscadas, deixando predominar a variedade linguística formal. Nesse sentido, o ethos do orador é caracterizado por um tom professoral, marcado por uma postura compatível com aquele que organiza os conhecimentos que possui de forma didática para facilitar a instrução: faz alusões, demonstra, explica e compara, principalmente por meio da utilização de narrativas. Esse tom está associado a um caráter tranquilo e a uma corporalidade marcada por uma postura comedida. As vestimentas são discretas e comuns (não há uma indumentária característica do kardecismo) e sua gestualidade não se mostra ritualística.

O caráter didático do programa é reforçado pela presença do convidado do dia, o professor universitário Severino Celestino, que pode ser considerado uma fonte enunciativa de saber socialmente reconhecido. Da mesma forma que Divaldo, o convidado também apresenta um caráter tranquilo e se veste de forma comum. No início, se põe na condição de aprendiz ao referir-se a Divaldo como professor, apesar de ser ele o docente e o único dos dois a possuir escolaridade de nível superior. O ambiente em que Celestino se encontra, com muitos livros ao fundo, e sua própria apresentação como pesquisador do CNPQ ajudam a compor a imagem de um homem culto. A respeito da postura do convidado em relação ao palestrante, vale ressaltar que, mesmo não havendo no espiritismo uma figura institucionalizada de líder, Divaldo é reconhecido como tal não apenas por Celestino, mas por vários adeptos dessa doutrina, provavelmente por possuir aptidões mediúnicas e praticar os preceitos da semântica global do discurso do espiritismo, conforme apontados por Silva (2014). Com base nessas observações, passamos à análise das representações do auditório no programa **Conversando sobre Espiritismo**.

### 3 As representações do auditório

Tendo em vista as considerações de Amossy (2018) sobre as marcas que designam a imagem do interlocutor no discurso, iniciamos observando as designações nominais explícitas utilizadas pelo palestrante Divaldo Franco ao se referir ao interlocutor no início de sua fala:

“senhoras, senhores, queridas irmãs, queridos irmãos espíritas, caras amigas, caros amigos que nos acompanham através da Web TV Mansão do Caminho e outros órgãos da comunicação virtual.”. Ao se referir dessa maneira aos interlocutores, o orador se posiciona inicialmente de maneira respeitosa ao usar os pronomes de tratamento senhoras e senhores, colocando-se, em seguida, em um nível de igualdade ao tratar os interlocutores como irmã(o)s e amiga(o)s. Ao referir-se ao público feminino (senhoras, irmãs, amigas) antes do masculino, pode estar tentando configurar um ethos de feminista para conquistar simpatias, por outro lado, provavelmente é ciente de que o seu público-alvo é composto predominantemente por mulheres.<sup>3</sup>

Além desses índices, é necessário ressaltar também a importância das designações implícitas, pois estas deixam mostrar, de forma indireta, a maneira como o locutor imagina seu interlocutor. Um exemplo dessas designações está nas informações subentendidas através de passagens com verbos no modo imperativo, tanto na fala do palestrante e de seu convidado quanto na seguinte mensagem atribuída a Eros e divulgada na abertura do programa:

Quando a dúvida lhe chegue maliciosa, indague ao amor qual a conduta a seguir; quando a saudade avizinhar-se tentando macerar-lhe o coração, refugie-se no amor e deixe que as recordações felizes luarizem a noite em que você se encontra; quando a aflição aturdir-lhe o íntimo, chame o amor, para que a calma e a confiança predominem nas suas decisões; quando a cólera acercar-se da sua emotividade, recorde-se do amor e suave balada de entendimento se lhe fará ouvida na acústica da alma...”

Entendemos haver designações implícitas nesses trechos com imperativos pelo fato de que, ao recomendar que alguém indague, refugie-se, chame e recorde-se do amor, subentende-se que este alguém necessita de amor em diversas ocasiões: nos momentos de dúvida, de saudade, de aflição, de cólera. Essa imagem inicial do interlocutor é bastante geral, pois qualquer um pode, em algum momento da vida, ter dúvida, sentir saudade, aflição, cólera, ou qualquer outro sentimento parecido. Além desses imperativos na mensagem inicial, há exemplo de uso desse modo verbal na fala do orador no trecho “seja você também alguém que estende o lenço alvinitente de sua ternura”, no qual o imperativo “seja” deixa implícito que o interlocutor é alguém que, seja por não querer, não poder ou por sentir-se incapaz de fazê-lo, ainda não tomou a atitude de doar a sua ternura àqueles que o orador denomina filhos do

---

<sup>3</sup> Ao discorrer sobre religião e gênero, Rosado-Nunes (2005, p.364) afirma que “as mulheres compõem, de fato, a maioria da população de fiéis. 'Em nome de Deus', tornam-se ativistas, freiras, obreiras, pastoras, bispas, mães-de-santo, políticas... Na sombra ou nos palcos e altares, grande parte das fiéis carrega para a igreja o marido, os filhos, a família, o círculo social e profissional onde atuam.”

## **“SENHORAS, SENHORES...”: a cena de enunciação e a designação do auditório em uma conferência de orientação kardecista**

calvário. Nesse exemplo, pode ser percebida ainda uma indicação indireta do interlocutor como alguém que tem capacidade para agir, além de um incentivo à própria ação.

Sendo o programa composto por uma seção de perguntas enviadas pelos ouvintes (e previamente selecionadas pelos dirigentes) para serem respondidas por Divaldo Franco e Severino Celestino, entendemos que também essas perguntas são um indicativo do perfil do interlocutor. Nesse sentido, questionamentos do tipo “como evitar padrões repetitivos trazidos de outras reencarnações?”; “uma pessoas vítima de acidente ou assassinada pode ficar vagando sem saber que morreu?”; “como auxiliar pessoas deprimidas e com medo da vida?” e “a cremação é bem vista na doutrina espírita?” mostram que o perfil do interlocutor varia daquele que é familiarizado com preceitos espíritas (no caso daquele que menciona a reencarnação) àquele que ainda não conhece a doutrina, como os que perguntam sobre cremação e vítimas de acidentes. A pergunta sobre auxiliar pessoas deprimidas, por sua vez, denota a imagem de um interlocutor solidário, pois mostra preocupação em ajudar outrem.

Considerando que a imagem de si que o enunciador busca projetar também está ligada ao modo como ele vê o seu interlocutor, entendemos que alguns traços dos *ethé* do orador Divaldo Franco e do convidado Severino Celestino, como o da erudição, denotam um interlocutor que possui certo grau de instrução<sup>4</sup> e que valoriza informações oriundas dos campos do conhecimento mobilizados nas respectivas falas. Dessa maneira, ao tratarem dos temas eutanásia, depressão, ansiedade, cremação e pandemia, constantes no programa do dia, percebe-se que Celestino e Divaldo Franco levam em consideração uma doxa que crê na continuidade da vida após a perda do corpo físico, na reencarnação como meio de reparação de equívocos cometidos em existências anteriores, na ideia de céu e inferno como meras metáforas sobre estados de espírito, na mediunidade como fenômeno orgânico natural proporcionado por “configurações” particulares da glândula pineal e, principalmente, que tem a figura de Jesus como modelo e guia.

Ao mesmo tempo, percebe-se, a partir das explanações sobre esses temas, uma tentativa de desconstruir estereótipos e outras ideias preconcebidas sobre o espiritismo como sobrenatural, enigmático e oculto, provavelmente para conseguir a adesão dos interlocutores que não são seguidores da doutrina. Nesse sentido, ao tempo em que levam em conta as crenças, opiniões e representações já compartilhadas pelos adeptos do espiritismo, os oradores parecem

---

<sup>4</sup> Em pesquisa sobre análise do discurso religioso, Assis (2018) traz dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo IBGE, que apontam que, entre espíritas, católicos e evangélicos, os primeiros apresentam o maior nível de escolaridade, contabilizando 31,5% com nível superior completo e 98,6% de taxa de alfabetização.

ter como meta divulgar a doutrina a um público mais abrangente, principalmente aquele que já é cristão. Utilizam, para isso, esquemas argumentativos como analogias, associando as atitudes das personagens das narrativas à figura de Jesus para mostrar que o espiritismo tem como base valores cristãos. Mencionam, por exemplo, Edith Cavell, enfermeira britânica que doou a vida pelo próximo quando, durante a I Guerra, socorreu soldados inimigos dos alemães e foi, por esta razão, condenada à morte.

A maneira poética de narrar e atrelar às narrativas valores como solidariedade (ao referir-se às mulheres de Jerusalém que ajudaram Jesus), gratidão e piedade (na menção à poesia sobre o cão Veludo), além de exemplos de sofrimento (Calvário de Jesus) e superação (história do paraplégico que ditou o livro **Meu pé esquerdo**) buscam embelezar a palestra por meio de metáforas e de comparações diretas, compondo um estilo que pode tornar a explanação atraente, moldando-a de maneira a promover simpatia e confiança com relação à doutrina espírita por parte de um público majoritariamente cristão. Há, portanto, um alicerce dóxico na apresentação de valores do cristianismo, orientação religiosa com maior percentual de adeptos no Brasil, que indica o perfil do interlocutor. Além disso, as narrações feitas por Divaldo Franco ao longo da apresentação têm potencial para comover esse tipo de público, reforçando o poder da associação entre logos e pathos para a construção eficiente da argumentação.

Lembrando o estudo de Assis (2018), que ressalta a pretensão do espiritismo de associar fé e ciência, destacamos que, em alguns trechos, como naquele em que Celestino fala sobre o período da pandemia, é feita uma associação entre o discurso da ciência e o discurso religioso, pois além de mencionar textos bíblicos nos quais Jesus teria prevenido sobre o momento, é recomendado que sejam seguidas as orientações das autoridades sanitárias (isolamento social, uso de máscara, cuidados com a higiene). Essa associação com a ciência também se faz com a recomendação de que, em caso de transtornos psíquicos, busque-se não apenas orações ou passes, mas ajuda médica. Dessa maneira, o destinatário é retratado mais uma vez como alguém que reconhece e valoriza o discurso científico.

Apesar de utilizar o discurso cristão como estratégia de legitimidade, em alguns pontos das explicações é proposta uma interpretação não convencional do texto bíblico. Na tentativa de redirecionamento dessas leituras parece estar o intuito de quebrar paradigmas de outras religiões. Quando Celestino menciona a sua própria condição de ex-católico ortodoxo e ex-seminarista para dizer que mudou para uma verdade que é racional e científica, por exemplo, deixa subentendido que o catolicismo não é racional e nem tem base científica, deslegitimando-

## **“SENHORAS, SENHORES...”: a cena de enunciação e a designação do auditório em uma conferência de orientação kardecista**

o. As formações discursivas<sup>5</sup> católica e kardecista também são postas em embate pelo orador principal quando ele afirma, por exemplo, que a criação do planeta resulta da condensação de gases, diferindo daquela que tradicionalmente se ouve no catolicismo. Dessa maneira, percebe-se uma tentativa de desconstrução de interpretações católicas da Bíblia tanto na fala do palestrante quanto na do convidado, que em sua fala ressalta ainda que o evangelho de Jesus não pertence a nenhuma religião, está em todas. Essas observações reforçam, mais uma vez, a imagem de um interlocutor predominantemente cristão.

304

### **Considerações finais**

A cena de enunciação instaurada no programa *Conversando sobre Espiritismo* apresenta uma cenografia que se configura em moldes similares aos de certos eventos acadêmicos e que se sobrepõe à cena genérica da pregação religiosa. Essa sobreposição parece ir de encontro à pretensão do espiritismo de associar fé e ciência, e, ao mesmo tempo ressalta a situação paratópica em que se encontra o espiritismo, visto que seus direcionamentos doutrinários se baseiam em dogmas religiosos nos quais se busca instituir bases científicas e filosóficas.

Ao mobilizar, ao mesmo tempo, a palavra de Deus e os discursos da Verdade e da Razão como fontes legitimadoras, o espiritismo parece não reconhecer outra autoridade que não a sua própria e busca se colocar de forma superior com relação a outras religiões. No caso específico da amostra analisada, há um embate explícito com o catolicismo, que é julgado como não racional e sem base científica.

Quanto à maneira de projetar a imagem do destinatário ideal no programa, percebe-se que os índices de locução mais utilizados são evidências compartilhadas, em sua maioria ligadas a referências cristãs constantes no texto bíblico, indicando a imagem do interlocutor como cristão, e a fatos históricos, científicos e literários, denotando um interlocutor com certa bagagem cultural. Também são utilizadas denominações explícitas, com referências ao feminino em primeiro plano (senhoras, irmãs, amigas), indicando um público de maioria feminina; e denominações implícitas, nas quais o auditório é indiretamente retratado como necessitado de esclarecimentos, de conselhos e até como indolente, visto que também é

---

<sup>5</sup> Ao tratar do conceito de formação discursiva em Maingueneau, Possenti e Mussalim (2010) ressaltam que, para o autor, a noção se aproxima de posicionamento, podendo designar uma identidade enunciativa e, ao mesmo tempo, as operações pelas quais essa identidade se instaura e se conserva em determinado campo discursivo.

Marília Mesquita Queiroz

convocado à ação, no sentido de tomar atitudes semelhantes às daquelas das diferentes personagens mencionadas ao longo do programa.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

ASSIS, Ricardo Rodrigues. **Análise de discurso religioso**: Mecanismos acionados por líderes religiosos nas pregações em programas de televisão. 2018. 171 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/6639/1/ricardorodriguesdeassis.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2022.

FIGUEIREDO, M. F.; CLARO, A. C.; MORAIS, D. N.; SANTOS FILHO, J. D. U. Pregação religiosa: uma caracterização à luz da teoria dos gêneros. **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras. Franca/SP, v. 5, n. 5, p. 129-153, jan./dez. 2009. Disponível em <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/114/74>>. Acesso em 17 jul. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Org.). **Ethos discursivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015a.

\_\_\_\_\_. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015b.

\_\_\_\_\_. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web?. **Revista da ABRALIN**, v. 15, n. 3, 17 jan. 2017. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1274/2317>>. Acesso em 21 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1987.

POSSENTI, S.; MUSSALIM, F. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. IN: PAULA, L.; STAFUZZA, G. **Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil**: três épocas histórico-analíticas. Uberlândia, MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, EDUFU, 2010.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2005, v. 13, n. 2 [Acessado 16 julho 2022], pp. 363-365. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200009>>. Epub 12 Dez 2005. ISSN 1806-9584.

SILVA, Rosana Cláudia da. **A emoção “maquiada” de razão**: aspectos prosódicos e argumentativos de uma palestra espírita kardecista. 2008. 102 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Franca, Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Linguística. 2008. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=109791](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=109791)>.

**“SENHORAS, SENHORES...”: a cena de enunciação e a designação do auditório em uma conferência de orientação kardecista**

SILVA, Tamiris Vianna da. **A caridade é, em tudo, a regra de proceder**: análise do discurso espírita kardecista. 2014. 117 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122110>>.

SILVA, T. V. da; BRUNELLI, A. F. **O discurso espírita kardecista**: prática discursiva e enlaçamentos. Revista da ABRALIN, v. 15, n. 3, 17 jan. 2017. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1271>>.

SILVA, T. V. da; BRUNELLI, A. F. **Ciência, religião e filosofia**: a paratopia do discurso espírita kardecista. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 20(1), 2019. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/19934/22435>>.